

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*).

ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA CATARINENSE.

Vol. II. Florianópolis, Imprensa Oficial, 1950. 610 p.

A ocorrência do segundo centenário da colonização açoriana em Santa Catarina propiciou excelente ensejo para a realização, em Florianópolis, de 5 a 12 de outubro de 1948, do Primeiro Congresso de História Catarinense, ao qual foram apresentadas monografias valiosas versando a história daquele Estado meridional. Algumas dessas monografias já foram objeto de consideração por parte desta Revista, como as do Prof. Oswaldo R. Cabral sobre *Os açorianos* e sobre *Os Juizes de Fora do Destêrro*, ou a do Sr. Max Tavares d'Amaral sobre a colonização alemã no vale do Itajaí. Tais monografias chegaram ao nosso conhecimento através de separatas dos Anais desse Congresso, permitindo-nos, assim, aquilatar de seus méritos antes de conhecer a série dos *Anais* em que foram insertas. Esta oportunidade deparou-se-nos agora. Graças à extrema gentileza do Sr. Prof. Desembargador Dr. Henrique Fontes, figura de primeira plana na historiografia catarinense, recebemos o segundo volume dessa publicação (porém o primeiro a ser publicado), grande tomo de mais de seiscentas páginas, reunindo doze trabalhos, se não todos de autores catarinenses, pelo menos todos relativos à história de Santa Catarina.

Deixando de lado as três monografias de que esta Revista já cuidou, noticiaremos aqui os demais trabalhos contidos neste volume dos *Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense*:

1. *Santa Catarina no século XVI*, pelo Capitão de Mar e Guerra Lucas Alexandre Boiteux, nome sobejamente conhecido na historiografia catarinense e na historiografia marítima brasileira. Na presente monografia, erudita e documentada, o A. trata da exploração do litoral de Santa Catarina, do início do povoamento e da colonização, da rivalidade luso-espanhola e das primeiras penetrações pelo território meridional do Brasil. Seu trabalho, embora visando especialmente Santa Catarina, oferece grande interesse para a história de todo o sul do Brasil, pois vem compendiar informações habitualmente esparsas, hauridas em cronistas dos séculos XVI e XVII.

2. *Um ponto controvertido de História*, de Carlos da Costa Pereira. Já conhecíamos o A. através de monografias publicadas nos *Anais do Museu Paulista* (a fundação de São Francisco do Sul) e nos *Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia* (sobre a toponímia antiga da costa do Brasil), bem como através da excelente tradução que fez da parte relativa ao seu Estado, das *Viagens* de Saint-Hilaire. No presente trabalho, o A. se propõe a retificar o que o historiador argentino Enrique Martínez Paz escreveu sobre o local de nascimento de Frei Fernando de Trejo y Senabria, bispo de Tucuman e fundador da Universidade de Córdoba. O A. reforça, à luz de exaustivo trabalho, a tese já defendida por outros historiadores sul-americanos que dá o ilustre prelado como filho da cidade catarinense de São Francisco do Sul.

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

3. *Cinco peças da velha iconografia catarinense*, de Afonso de E. Taunay. Prosseguindo na tarefa louvável e altamente meritória de divulgar velhos cimélios sobre o Brasil e, particularmente, informações raras da nossa xeno-bibliografia, o erudito historiador das bandeiras paulistas reproduz neste trabalho cinco estampas, com os respectivos textos, que ocorrem na raríssima obra de Luiz Choris, desenhista, litógrafo e pintor russo que acompanhou o grande navegador Kotzebue na famosa viagem do *Rurik*, em 1815-1816. Santa Catarina foi o único ponto de litoral brasileiro visitado pelos navegadores e o que sobre a região escreveram o próprio Kotzebue e o seu companheiro Adalberto Chamisso, foi divulgado, também pelo Dr. Afonso de E. Taunay, em seu livro *Em Santa Catarina colonial*. Quanto a Choris, seu relato de viagem é praticamente desconhecido no Brasil, pois tanto sua *Voyage pittoresque autour du monde*, como suas *Vues et paysages des régions équinoxiales* são obras extremamente raras, particularmente esta última, constituída de grandes pranchas coloridas, cujos originais foram reproduzidos pelo litógrafo Bode. Tal obra, a exemplo de tantas outras do gênero, tornou-se rara, conforme lembra Taunay, “sobretudo por muito procurada pelos desalmados traficantes cúpidos despedaçadores de livros ilustrados, principalmente quando encerram pranchas coloridas”. Do exemplar pertencente a J. F. de Almeida Prado, o erudito bibliófilo e historiador de São Paulo, possuidor duma das maiores e mais valiosas brasileiras atualmente existentes no país, foi que se valeu Taunay para a reprodução das cinco estampas relativas a Santa Catarina e divulgação dos respectivos textos. Mais um imenso trabalho que ficamos a dever ao antigo diretor do Museu Paulista.

4. *Apontamentos para a história da colonização de Blumenau* (1850-1880), de Paulo Malta Ferraz. Baseando-se sobretudo nos escritos do próprio Dr. Blumenau, o A. procurou reconstituir o início da colonização alemã no vale do Itajaí, particularmente em Blumenau. Merece destaque o quarto capítulo (“Como viveram os primeiros colonos”), de interesse para história social e econômica da colônia.

5. *Contribuição para a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina*, pelo Pe. João Alves Rohr. Consta de quatro tópicos (o homem da pré-história; o indígena da descoberta; os sambaquis; inscrições rupestres) e de uma longa descrição do material etnológico pré-colombiano (600 peças) existente no Museu do Colégio Catarinense.

6. *A proclamação da República em Lages e os constituintes estaduais de 1891*, duas pequenas comunicações do Sr. Otacílio Vieira da Costa, a primeira recordando as duas proclamações da República em Lages, a de 1839 (consequência da revolução farroupilha) e a de 1889, e a segunda lembrando os nomes dos representantes catarinenses na Assembléia que elaborou a primeira carta-magna da República.

7. *Algumas achegas*, coletânea de dados estatísticos de interesse histórico, reunidos pelo Capitão de Mar e Guerra Lucas A. Boiteux.

8. *Contribuição dos casais ilhéus à fixação do “uti-possidetis”*, de Manuel Diegues Júnior. Neste trabalho, o historiador e sociólogo alagoano estuda o “desenrolar da formação da fronteira do Sul e do Norte pelo incremento povoador realizado sobretudo na primeira parte do século XVIII”. Lembra, inicialmente, as primeiras entradas de elementos açorianos no Brasil, particularmente no Norte e no Nordeste, antes do início do século XVIII, portanto quando a vinda

se fazia exclusivamente em caráter particular; recorda, a seguir, a cooperação açoriana na luta contra os holandeses; finalmente aborda a formação das fronteiras no século XVIII, por ocasião do Tratado de Madri, salientando não ter tido “outra preocupação se não a de juntar algumas informações, e com elas, uma tentativa de interpretação acêrca da contribuição dos casais ilhéus à obra de fixação territorial do Brasil”.

9. *Síntese histórica do arquipélago açoriano*, de Olyntho Santmartin. Além da “síntese histórica” expressa no título, o A. faz referências também à influência açoriana no Rio Grande do Sul.

ODILON NOOGUEIRA DE MATOS

*

ANUÁRIO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, Ouro Preto, 1952.

O Museu da Inconfidência, de Ouro Preto, foi criado em 1938 “com a finalidade de colecionar as coisas de vária natureza relacionadas com os fatos históricos da Inconfidência Mineira e com os seus protagonistas e bem assim as obras de arte ou de valor histórico que constituam documentos expressivos da formação de Minas Gerais”. Programa vasto, como se vê. Para a instalação do museu, o governo mineiro doou à União o próprio estadual onde funcionou a Penitenciária de Ouro Preto, de modo que a inauguração do estabelecimento pôde ser feita em 11 de agosto de 1944. Da sua direção foi encarregado um dos maiores conhecedores da história mineira, o Cônego Raimundo Trindade, ainda hoje à testa da instituição. Causa estranheza que a idéia da criação desse museu não houvesse surgido antes, ou se surgiu, não houvesse sido levada avante. Ignoramos os antecedentes da criação dessa instituição e provavelmente a estranheza que nos assaltou, deve também ter assaltado a todos os que, antes de 1944, visitaram Ouro Preto. A cidade-museu, carinhosamente conservada e zelada pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional, não tinha um museu que refletisse o seu passado tão cheio de história e de epopéia.

Ao programa inicial especificado pelo próprio ato de criação, acrescentou-se mais um item, de não menos valor: a publicação de um anuário destinado a divulgar documentos e estudos reunidos no museu ou interessando às suas finalidades. E’ desse *Anuário* que acaba de sair o primeiro volume, relativo a 1952, em grande formato, com cêrca de trezentas páginas. Preenchem-no documentos e trabalhos de suma importância: os autos-crimes contra os réus eclesiásticos da inconfidência mineira, o inventário de Marília e um estudo sôbre a câmara e cadeia de Vila-Rica, de autoria de Francisco Antônio Lopes, a quem já devemos um importante trabalho sôbre a Igreja do Carmo, de Ouro Preto, publicado pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional.

Os “autos crimes” (que constituem a principal peça da publicação, pelo seu valor documentário) são precedidos de erudita apresentação do historiador português Ernesto Ennes, que “virá iluminar surpreendentemente a história da Inconfidência Mineira”. Tais documentos, tão ansiosamente procurados, conservaram-se ignorados no arquivo dos Condes das Galveas, propriedade hoje da